



# HEREROS

EXPOSIÇÃO DE SÉRGIO GUERRA

*In memoriam*

RUY DUARTE CARVALHO  
(1941 - 2010)

**PERVE GALERIA**

Rua das Escolas Gerais nº 17, 19 e 23

1100-218 Lisboa | Alfama - Junto à Igreja de Stº Estêvão | T. 21 8822607  
[galeria@pervegaleria.eu](mailto:galeria@pervegaleria.eu) | [www.pervegaleria.eu](http://www.pervegaleria.eu)

## **Dos BENEFÍCIOS DO ESQUECIMENTO**

Com as imagens que agora se mostram, e que servem de base ao belíssimo álbum “Hereros”, o fotógrafo brasileiro Sérgio Guerra pretende devolver àqueles que o receberam no deserto do Namibe, no extremo sul de Angola, um pouco do que estes lhe deram - um outro olhar.

O seu próprio olhar.

No violento caos que se seguiu à independência de Angola, com tropas estrangeiras a invadirem o país, purgas sangrentas, o êxodo massivo de quadros, a destruição das cidades e o abandono dos campos, houve um povo, melhor dizendo, um conjunto de nações aparentadas entre si, que encontrou razões para sorrir. Gente com muito passado pela frente e todo o futuro pelas costas: esquecidos pelos poderes públicos e pelos diversos exércitos em conflito, os herero reforçaram as suas estruturas políticas, sociais e religiosas, viram crescer os rebanhos e prosperaram. Enquanto o resto do país sangrava, morria de fome, enlouquecia, eles viam os bois engordar.

Durante toda a primeira metade do século passado os herero sofreram a perseguição das autoridades coloniais, que pretendiam “civiliza-los”, forçando-os a trocar o gado e o nomadismo, pela agricultura e uma vida sedentária. Os poderes, já se sabe, temem os nómadas. Obstinados, os hereros resistiram ao sequestro e degredo para as ilhas de São Tomé, e ao trabalho escravo nas roças. Recessaram às amplas paisagens do sul, refizeram os rebanhos, e retomaram as suas tradições ancestrais.

A actual burguesia urbana de Angola olha os povos nómadas do sul com a mesma estranheza e curiosidade com que os olhavam os portugueses na época colonial. São, para a cidade, seres exóticos, bizarros, cujo aparente desprezo pela sociedade de consumo se afigura incompreensível, em particular num momento em que todos buscam enriquecer rapidamente e a qualquer custo.

Sérgio Guerra instalou-se em Luanda, há uma dezena de anos, para trabalhar na área da publicidade e consultoria de imagem. O seu ofício levou-o a viajar por todo o território angolano, testemunhando uma série de episódios fundamentais da história recente do país, como o fim da guerra civil e o processo eleitoral que se seguiu. Tem vindo a guardar o testemunho deste percurso através de um vasto conjunto de imagens, quase cem mil, parte das quais estão reunidas em seis álbuns: “Álbum de família” (1999), “Duas ou três coisas que eu vi em Angola (2003), “Nação Coragem” (2003), “Parangolá” (2004), “Lá e cá” (2006), e “Gente de Angola” (2009).

“Herero” é, de longe, o mais ambicioso projecto fotográfico de Sérgio Guerra. Para o realizar o fotógrafo manteve-se largos meses no deserto, conquistando a confiança e a amizade dos pastores. O resultado pode ser visto agora: uma assombrosa

coleção de imagens, que dão a ver os herero muito para além do óbvio. Aqui se dá testemunho de um quotidiano áspero, difícil; dos momentos festivos; dos gestos mais simples; de uma intimidade muito distante do nosso mundo.

São imagens que servem as ciências sociais, sim. Não obstante, pertencem também ao domínio das artes - pela beleza, claro, mas sobretudo por instigarem em quem as vê questões e inquietações de natureza universal.

Eis aqui, pois, a Angola que deu certo. Eis a gargalhada larga daqueles por quem nunca ninguém esperou, os inesperados, mostrando-nos a nós, que julgávamos já ter visto tudo, outros caminhos e outros saberes.

Comprovando uma outra vez que o mais evidente tende a permanecer oculto, em toda a sua glória, à luz generosa do sol.

Obrigado Sérgio Guerra.

*José Eduardo Agualusa*



## **SÉRGIO GUERRA REGISTOU O QUOTIDIANO DO MÍTICO PVO HERERO, ETNIA QUE RESISTIU À ESCRAVIDÃO E A GENOCÍDIOS**

Poucos portugueses, brasileiros ou mesmo angolanos deram a conhecer tão bem Angola como o artista fotográfico brasileiro Sérgio Guerra, que vive há 12 anos entre Salvador e Luanda. Nas suas constantes jornadas, desenvolveu uma relação de amor profundo com o país africano e produziu uma série de quatro livros com um dos mais completos registos fotográficos das 18 províncias angolanas e das suas populações, bem como da devastação provocada por anos de conflitos civis.

Agora, em 2010, numa apresentação surpreendente, Sérgio Guerra dá a conhecer o seu olhar sobre a cultura daquele país com “Hereros – Angola”, uma exposição admirável que decorre de forma complementar em Luanda (no Museu Nacional de História Natural, entre 27 de Julho e 26 de Agosto) e Lisboa (na Perve Galeria, em Alfama, entre 19 de Agosto e 18 de Setembro) e esboça uma imagem ampla do modo de vida e das tradições da etnia Herero.

Acompanha a apresentação da exposição, o lançamento do álbum fotográfico “Hereros”, um documento artístico também com inestimável valor científico e cultural, apresentado numa refinada edição bilingue (português - inglês) em formato 30cm x 30cm (Editora Maianga, 260 páginas) que se completa com um CD de 18 faixas com cantos do quotidiano dos Herero – resultado da recolha realizada ao vivo nos campos, entre Julho e Agosto de 2009, sem qualquer intervenção posterior que pudesse alterar a autenticidade dos registos.

Os Herero são um povo de origem quase mítica que, ao longo de sucessivas migrações, do norte para o sul do continente, terá chegado ao território angolano entre os séculos XII e XV. São pastores, polígamos e semi-nómadas. Mais do que um meio de sustento, para eles, o gado é um referencial simbólico que atravessa toda a cultura, definindo os seus hábitos e costumes. Os traços principais da cultura Herero remontam há mais de 3 mil anos, herdados de povos ancestrais. Tem esta origem, por exemplo, a prática da circuncisão e o hábito de extraírem os quatro dentes incisivos permanentes inferiores ainda na infância.

O contacto inicial de Sérgio Guerra com vários subgrupos Herero causou um impacto imediato no artista. “Quando os vi, pela primeira vez, foi como se uma porta da minha percepção tivesse sido aberta para algo que sabia existir, mas hesitava em acreditar”, diz. Foi em 1999, durante uma viagem às províncias de Huila e Namibe para as gravações do programa “Nação Coragem”, que levava aos angolanos desde notícias de guerra a informações sobre a cultura do país e suas populações. Naquele instante, Sérgio Guerra registou imagens dos mukubais, um dos subgrupos Herero. Sete anos depois, regressou ao Namibe e descobriu outros subgrupos: os muhimbas,

os muhacaonas, os mudimbas e os muchavícuas. "Comecei a entender que aqueles povos, apesar de uma aparência muito diferente, eram todos da mesma raiz, da mesma família", explica. Na convivência com os Herero, o autor percebeu que os próprios angolanos sabiam muito pouco sobre esta etnia e que nem sequer conseguiam distingui-los. "Descobri que, para além da minha atracção por este povo, poderia ser útil, de alguma maneira, se pudesse partilhar com um número maior de pessoas tudo aquilo que me foi dado a conhecer sobre ele".

Divididos entre Angola, Namíbia e Botsuana, os Herero totalizam hoje uma população de mais de 240 mil pessoas, pouco mais de 2% da população angolana. Instalaram-se nas províncias do Cunene, Namibe e Huíla. Com uma história de resistência marcada a sangue, não se submeteram à escravidão e opuseram-se à tentativa de dominação alemã, o que os tornou vítimas de um dos maiores genocídios da história. Em 1904, 80% foram massacrados pelas tropas alemãs do general Lothar Von Trotha, na Namíbia. Em Angola, os Herero - particularmente os mukubais -, foram de grande importância nos movimentos de resistência à colonização portuguesa, tendo sofrido grandes perdas e dispersão de populações em meados do século passado.

Para conhecer mais de perto o modo de vida deste povo, Sérgio Guerra passou muito tempo no seio das suas comunidades, a observar práticas do quotidiano, a registá-las para as enquadrar depois num discurso seu, pleno de cromatismo vibrante que enaltece, em modus-vivendi, um povo puro, intocado, inabalável.

Nos textos de apresentação do álbum fotográfico, diz: "vi que, mesmo diante da escassez, dividem sempre o alimento com os demais. Cultivam a solidariedade, evitam o personalismo e o egocentrismo, praticam uma economia familiar de grande inteligência, sempre voltados para a ampliação de um património cujo usufruto é sempre colectivo. Honram e festejam os seus antepassados e praticam com grande eficácia a justiça, coibindo infracções com pesadas multas que, a um só tempo, são prejuízo económico e reprimenda moral".

A convivência com os Herero fez Sérgio Guerra perceber que, apesar de sua lógica de vida muito particular, não vivem totalmente isolados e lidam com alguns mecanismos que caracterizam o que se costuma chamar de civilização. "Eles fazem comércio, já frequentam escolas, consomem álcool, locomovem-se entre a aceitação e a recusa de tudo isso. Desde o século passado, pelo menos, já mantinham contacto intenso com a sociedade moderna e com o homem branco", afirma.

O trabalho que deu origem à exposição artística e resultou no álbum fotográfico, inclui ainda um documentário a ser lançado, e teve início em Junho do ano passado, quando Sérgio Guerra viajou para as províncias do Namibe e Cunene, acompanhado por 17 pessoas. Foram 60 dias de levantamento e documentação dos hábitos e

costumes dos Herero, que resultaram em mais de 10 mil imagens e uma centena de depoimentos. Todo o projecto é fruto de um desejo de estabelecer uma ponte mais efectiva entre os países lusófonos, atenuando o desconhecimento e a falta de informação que existe entre estas nações que têm o português como língua oficial.

Sérgio Guerra sublinha que o projecto coincide com um importante momento do país, em que se discutem os conflitos e possíveis convergências entre as culturas tradicionais e o acelerado processo de desenvolvimento e occidentalização de Angola, após a conquista da paz em 2002, e apostar na preservação da cultura Herero. “Eles não se negam à reflexão, ao diálogo e à mudança, pois muito já tiveram que mudar ao longo do tempo. Já não são iguais aos seus antepassados, mas desejam, contudo e apesar de tudo, que possam trilhar um caminho que não os leve obrigatoriamente à completa descaracterização da sua economia e cultura”.

*Texto adaptado por Carlos Cabral Nunes – Julho, 2010*





## SÉRGIO GUERRA

Artista que usa a fotografia como principal ferramenta de criação, desenvolveu também intenso trabalho de comunicação visual para vários organismos, entre os quais o governo de Angola, aí desenvolvendo igualmente profícua actividade como produtor cultural. Sérgio Guerra nasceu no Recife, morou em São Paulo e tornou-se baiano por adopção em finais dos anos 70. Vive actualmente entre Luanda, Salvador e Rio de Janeiro.

Estabeleceu-se em Angola desde 1998, onde desenvolve programas de comunicação para o Governo. Parte do seu trabalho de registo fotográfico de Angola está representado nos livros “Álbum de família”, “Duas ou três coisas que vi em Angola”, “Nação coragem” e “Parangolá”.

Fundou a Maianga Brasil (2000) e a Maianga Angola (2003), empresas responsáveis pela edição de 24 títulos de prosa e poesia, que integram a “Biblioteca de Literatura Angolana”, para além de “O Candomblé da Barroquinha – Processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto”, de Renato da Silveira, entre outras obras.

Sob a chancela da Maianga produziu discos de artistas brasileiros e angolanos como Paulo Flores, Carlitos Vieira Dias, Wyza, Elza Soares, Lanlan, Jussara Silveira e José Miguel Wisnik. Realizou as exposições “Lá e Cá” (2006) e “Salvador Negroamor” (2007), iniciativas que obtiveram grande repercussão pelo seu carácter inovador e criativo no uso do espaço urbano, tendo uma feira livre e as ruas da cidade de Salvador como suporte e moldura para as imagens.

Em 2008 realizou a exposição de arte fotográfica “Mwangole”, dedicada a alguns povos do sul de Angola, na qual já transportava o germen do seu interesse pelo grupo étnico Herero, com o qual veio a realizar intenso trabalho artístico e documental que culminou com o lançamento de álbum fotográfico e exposição artística no Brasil, Angola e Portugal, em 2010.

**HEREROS | EXPOSIÇÃO EM PORTUGAL | FICHA TÉCNICA**

**REALIZAÇÃO | PERVE GALERIA**

**CONCEITO, CURADORIA E COORDENAÇÃO EXECUTIVA | CARLOS CABRAL NUNES**

**AUTORIA | SÉRGIO GUERRA**

**DESIGN ORIGINAL | M-LINK**

**MULTIMÉDIA REDESIGN, DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO E COMUNICAÇÃO | CARLOS CABRAL NUNES**

**PRODUÇÃO EXECUTIVA, COMUNICAÇÃO E WEB | GRAÇA RODRIGUES**

**GESTÃO FINANCEIRA | NUNO ESPINHO DA SILVA**

**ASSISTENTE DE MONTAGEM | MAFALDA B. NEVES**

**EDIÇÃO, MONTAGEM E PÓS-PRODUÇÃO AUDIOVISUAL | CARLOS CABRAL NUNES**

**AGRADECIMENTOS**

LUIΣ MIGUEL VIANA, MARGARIDA MERCÈS DE MELLO, LÚCIA BOAVIDA, MARINA RAMOS, ROGERIO CORREIA, ANTONIETA PESO, JOSE EDUARDO AGUALUSA E A TODOS AQUELES QUE, GENEROSAMENTE, DECIDIRAM APOIAR A REALIZAÇÃO DESTA EXPOSIÇÃO EM LISBOA E EM LUANDA



**PERVE GALERIA | ALFAMA**

Rua das Escolas Gerais n° 17, 19 e 23

1100-218 Lisboa | Portugal

T. (+351) 21 8822607

galeria@pervegaleria.eu

**PERVE-CEUTART | ALCÂNTARA**

Avenida de Ceuta, Lote 7, Loja I

1300-125 Lisboa | Portugal

T. (+351) 912521450

perve-ceutart@pervegaleria.eu

Horário: 2ª a Sábado (incluindo feriados) | 14h às 20h

**WWW.PERVEGALERIA.EU**

**HEREROS - A decorrer em Lisboa, na Perve Galeria,  
e em Luanda, no Museu de História Natural de Angola**

**REALIZAÇÃO**



**ORGANIZAÇÃO**



**PATROCÍNIO E MÉDIA**



**MÉDIA PARTNER**



**APOIO DE DIVULGAÇÃO**

